

# AS PALMEIRAS DOS KALUNGAS

Guia de Identificação e Etnobotânica

Renata Corrêa Martins



Brasília, novembro 2015

## 1ª edição

### DIRETORIA DA REDE DE SEMENTES DO CERRADO

2014 – 2016

#### Presidente

Regina Célia Pereira Fernandes de Souza

#### Vice-Presidente

Maria Magaly Velloso da Silva Wetzel

#### Tesoureira

Angelika Bredt

#### Conselho Consultivo

Alba Evangelista Ramos

Cássia Beatriz Rodrigues Munhoz

Manoel Cláudio da Silva Júnior

Sarah Cristina Caldas Oliveira

#### Conselho Fiscal

Ana Palmira Silva

Germana Maria Cavalcanti Lemos Reis

Marcelo Kuhlmann Peres

Mery Lucy do Vale e Souza

#### Coordenador do Projeto Semeando o Bioma Cerrado

José Rozalvo Andriugueto

**As Palmeiras dos Kalungas** - Guia de Identificação e Etnobotânica – 1ª edição

Brasília-2015

#### Autora

Renata Corrêa Martins

#### Revisor

Tarciso S. Filgueiras

#### Associação Quilombo Kalunga

##### Presidente

Vilmar Sousa Costa

#### Associação Comunitária Kalunga Engenho II

##### Presidente

Damião dos Santos Rosa

#### Lideranças Comunitárias

Cirilo dos Santos Rosa

Jorge Moreira de Oliveira

Lourença dos Santos Rosa

#### Revisores Kalunga

Lucilene Santos Rosa

Vilmar Sousa Costa

#### Ilustrações Kalunga

João Francisco Maia

#### Fotografias

Renata C. Martins, Henrique Moreira, Carlos Silva e Manoel Cláudio

#### Projeto gráfico e diagramação

Heraldo Lima e Renato Mendes - RP Comunicação Integrada

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da autora.

Campus Universitário Darcy Ribeiro/Universidade de Brasília

Gleba A - Ala Sul - Prédio Jeanine M. Felfili - CRAD - sala A1 - 53/13

Caixa Postal 4461 CEP 70904-970 - Asa Norte - Brasília, DF Tel. (61) 3107 0098 e (61) 3348 0423

E-mail: contato@rsc.org.br - semeando@rsc.org.br

www.rsc.org.br

www.semeandobiomacerrado.org.br

---

M386p e  
2015

Martins, Renata Corrêa

As palmeiras dos kalungas: guia de identificação e etnobotânica/Renata Corrêa  
Martins - Brasília, Ed. Rede de Sementes do Cerrado 2015  
90 p. : il. color.; 103 fotos; 9 ilustrações; 21 cm x 30 cm

Projeto Semeando o Bioma Cerrado.

**ISBN 978-85-99887-13-4**

1. Botânica. 2. Cerrado. 3. Centro Oeste. 4. Chapada dos Veadeiros. I. Título.

**CDU - 375.0083**

---

# AS PALMEIRAS DOS KALUNGAS

## Guia de Identificação e Etnobotânica

### **Autora**

Renata Corrêa Martins

### **Colaboradores**

Associação Quilombo Kalunga  
Associação Comunitária Kalunga Engenho II  
Tarciso S. Filgueiras  
Ulysses Paulino de Albuquerque

1ª edição

Brasília, novembro 2015



## Agradecimentos

Agradeço a todos os entrevistados que dispuseram seu tempo para esta pesquisa. Espero que apreciem o resultado! Ao Sr. Cirilo, à Dona Getúlia, à Januária, ao Jorge e ao Vilmar, que me deram os três primeiros e indispensáveis “as”: alimento, abrigo e amizade. À Lucilene dos Santos Rosa, por ter participado do primeiro diálogo com a comunidade. Aos guias, Jorge, Ilma, Damião, João e Joelice que, com muito respeito, amizade e alegria me acompanharam durante as visitas e as expedições para as coletas das palmeiras. Ao professor João Francisco Maia pelas ilustrações apresentadas neste trabalho. Grata!

Aos meus amigos mirins, Paulinho, Luciano, Filipe, Célia, Domingas, Agda, Maísa, Carmen, Fernando, Alexandre, Caio Henrique, Pedrinho, Miguel, Tiago, Rosângela, Maria Flor, são tantos e todos especiais, por nossos animados passeios, telefonemas e pipocas. O trabalho perto de vocês fez recreio em minha alma! Grata!

A(o)s companheira(o)s de trabalho de campo: Letícia Zenóbia, Mariana Oliveira, Renata Rangel, Jair Faria e Mario Luiz Caruso, muito obrigada! À Túlaci, filha e parceira, que soube com muita paciência vencer e adolecer nos diferentes e curiosos aprendizados que nos dispusemos. Ao Darman, filho e parceiro, por sua paciência e boa energia. Aos meus irmãos, Leiza, Homero e Kátia, por serem o primeiro elo vivo de cumplicidade amorosa e confiança. Grata!

Agradeço ao ISPN (Instituto Sociedade, População e Natureza - Projeto Florelas), à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e ao Departamento de Botânica da Universidade de Brasília, pelo apoio financeiro e bolsa de doutorado para a realização desta pesquisa. Agradeço à Rede de Sementes do Cerrado e o Projeto Semeando o Bioma Cerrado, pela oportunidade de divulgar este trabalho. Grata!

Aos meus orientadores, Dr. Tarciso S. Filgueiras e Dr. Ulysses Paulino de Albuquerque. Ao Tarciso, por seu brilhantismo e gentileza, cúmplice das minhas escolhas e calmante dos meus devaneios. Ao Ulysses, por sua dedicada participação, fundamental para o resultado alcançado. Com vocês, estive sempre forte e corajosa, tal como um dia de campo com coleta de um babaçu com frutos. Grata!



Cirilo dos Santos Rosa



Vilmar S. Costa



Lucilene dos S. Rosa



João Francisco Maia



Tarciso S. Filgueiras



Ulysses P. de Albuquerque

## Apresentação da autora

No desejo de compreender a Flora do Cerrado e o Conhecimento Tradicional dos Quilombolas, encontrei entre as palmeiras e o povo Kalunga imenso carisma e sabedoria. As palmeiras estavam lá e o isolamento por 200 anos dos Kalungas também foi possível graças às plantas úteis disponíveis na região. Aliado aos recursos naturais e um coletivo senso da ancestralidade, como forma de aprendizado e conquista, os Kalungas passaram a reconhecer e usar com seus antepassados as plantas para a sobrevivência. Foi gratificante saber quais palmeiras estão lá e como elas puderam aliviar a fome, proteger e sarar as pessoas. O texto apresentado é uma adaptação da minha tese de doutorado, feita sob orientação dos professores, Dr. Tarciso S. Filgueiras e Dr. Ulysses Paulino de Albuquerque. Este trabalho apresenta uma parte do rico conhecimento que os kalungas têm sobre o cerrado e suas plantas úteis. Plantas generosas, povo inteligente! Grata por participar deste valioso encontro.

Renata Corrêa Martins



Sementes de macaúba: "Brinquedo de criança"



# Sumário

<b>Apresentação.....</b>	<b>6</b>
<b>Entrevistados da comunidade Kalunga Engenho II.....</b>	<b>7</b>
<b>Comunidade Kalunga Engenho II.....</b>	<b>10</b>
<b>Pesquisa etnobotânica.....</b>	<b>12</b>
<b>Palmeiras nativas da região.....</b>	<b>14</b>
<b>Como reconhecer e identificar.....</b>	<b>15</b>
<b>Chave de Identificação.....</b>	<b>17</b>
<b>Como as palmeiras são usadas.....</b>	<b>19</b>
Alimento.....	19
Artesanato.....	20
Construção.....	24
Medicinal.....	25
Outros usos.....	27
<b>Ordem de importância das palmeiras para os kalungas da comunidade Engenho II.....</b>	<b>28</b>
<b>Descrição e etnobotânica.....</b>	<b>30</b>
Buriti.....	30

## Apresentação

A Rede de Sementes do Cerrado (RSC) foi constituída em 2004, como uma associação civil, pessoa jurídica de direito privado, com natureza e fins não lucrativos e sem caráter político-partidário. Foi qualificada, em 2005, como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP). Tem como objetivo principal a defesa, a preservação, a conservação, o manejo, a recuperação, a promoção de estudos e pesquisas, e a divulgação de informações técnicas e científicas relativas ao meio-ambiente do Cerrado, especialmente no Brasil Central.

A Rede de Sementes do Cerrado busca o fomento equilibrado da oferta e demanda de sementes e mudas de plantas nativas do Cerrado por meio da capacitação e divulgação de informações técnicas, com o intuito de ampliar os conhecimentos e garantir a proteção, a valorização e a preservação deste bioma. Para isso mantém parcerias com várias entidades não lucrativas e governamentais, desenvolvendo ações através de Projetos. Um desses Projetos é o Semeando o Bioma Cerrado, patrocinado pela Petrobras.

O Projeto Semeando o Bioma Cerrado realizou ações de Capacitação (Cursos de Identificação de Árvores e Madeiras do Bioma Cerrado, Seleção e Marcação de Árvores Matrizes, Coleta, Manejo e Beneficiamento de Sementes, Viveiros e Produção de Mudas Florestais Nativas e Capacitação Continuada em Recuperação de Áreas Degradadas), Demarcação de Áreas de Coleta de Sementes (115 ACS's) e Georreferenciamento de Árvores Matrizes de 387 espécies, dentre essas, 9 espécies constam em listas oficiais de espécies ameaçadas de extinção, com 145 indivíduos georreferenciados. Realização de Oficinas Temáticas de Educação Ambiental para alunos, professores, educadores ambientais e comunidades rurais com foco na conservação dos recursos naturais do Cerrado.

A publicação da cartilha “As Palmeiras dos Kalungas: guia de indentificação e etnobotânica” tem por objetivo a divulgação do conhecimento sobre as palmeiras entre os quilombolas Kalungas da comunidade Engenho II, em Cavalcante, Goiás. As palmeiras descritas nessa obra são palmeiras nativas do Cerrado, algumas das quais ameaçadas de extinção. Conforme atesta o depoimento de um dos moradores da comunidade sobre uma das palmeiras usadas para alimentação: “O catolezinho vai acabar se continuar tirando; aqui no Engenho já não tem mais, tem que andar muito, e as que tem, não cresce até ter a gariroba, vai ter que fazer muda e plantar” (Damião dos Santos Rosa).

Desta forma, nossa publicação é um alerta: precisamos olhar esse grupo de plantas com o cuidado que merecem as espécies que estão desaparecendo, ensinando e incentivando essas comunidades a produzirem mudas e plantarem novas palmeiras. Acreditamos que, desta forma, seja possível preservar o modo de vida Kalunga, seus hábitos alimentares, a produção artesanal de moradias e utilitários usados no dia-a-dia.

Regina Célia Pereira Fernandes de Souza  
Presidente da Rede de Sementes do Cerrado

Jose Rozalvo Andrigueto  
Coordenador do Projeto Semeando o Bioma Cerrado



## Entrevistados da comunidade Kalunga Engenho II

Abelina Paulino da Silva

Alzira dos Santos Rosa

América Paulino da Silva

Angelina Paulino da Silva

Augusta Paulino da Silva

Áurea Paulino dos Santos

Benedito Cesário de Torres

Berto Cesário de Torres

Carlos dos Santos Rosa

Cesariano Paulino da Silva

Cirilo dos Santos Rosa

Clara Ernesto Ternemares

Dalila Reis Martins

Damião Moreira dos Santos

Daniela dos Santos Rosa †

Daniele Sousa Santos

Dirani Cesário dos Santos

Dirani Gonçalves de Torres

Divina Francisco Vieira

Dominga Natália Moreira dos Santos Rosa

Dorotéia dos Santos Rosa

Eleutéria Santos Rosa

Elias Francisco Maia

Elisa dos Santos Rosa

Elizete Moreira dos Santos Rosa

Elmar Aguiar de Souza

Emival Felipe de Sousa

Erli Felipe de Sousa

Eva Sirléia dos Santos Torres

Evonês Carvalho Santiago

Getúlia Moreira da Silva

Graciano Paulino dos Santos

Guiomar Paulino Costa

Gustavo dos Santos Rosa

Idália Vieira

Ilma Francisco Maia

Irani Paulino da Costa

Ivani Ternemares Ernesto

Izabel Francisco Maia

Januária Moreira de Sena

Joanilda Francisco Maia

João Cesário de Torres Neto

Joaquim Francisco Maia

Joaquim Paulino da Silva

Joaquina Carvalho Torres

Joaquina dos Santos Rosa



Joelson Paulino da Silva	Maria Santana dos Santos Rosa
Jorge Moreira de Oliveira	Milza Francisco Maia
José Ciro	Minelci Paulino da Costa
José dos Santos Rosa	Nelivânia Paulino Barbosa
José Francisco Maia	Neudiane dos Reis Cesário dos Santos
José Neri dos Santos Rosa	Pedra Cesário de Torres
José Pereira de Oliveira	Ranulfo dos Santos Rosa
Josely dos Santos Rosa	Raquel dos Santos Rosa
Leci Cesário de Torres	Rosendo Dias dos Santos
Leopoldo Francisco Maia	Rosilene dos Santos Rosa
Lidiano dos Santos Rosa	Santana Rodrigues Sena
Lourença dos Santos Rosa	Santos da Cruz Pereira das Virgens
Luiz dos Santos Rosa	Sionílio Paulino da Silva
Luíza Santos	Sirlene dos Santos Rosa
Luzia da Cunha	Suely Cesário de Torres
Manoel Rodrigo da Conceição	Tereza Cesário Torres †
Marcelino Santos Rosa	Ursulina dos Santos Rosa
Maria Aparecida Rodrigues Marques	Valdir Francisco da Conceição
Maria Augusta Francisco Maia	Valdivino Francisco Maia
Maria das Dores dos Santos Rosa	Vanusa dos Santos Rosa
Maria dos Reis Santos Rosa	Vitor Paulino da Silva



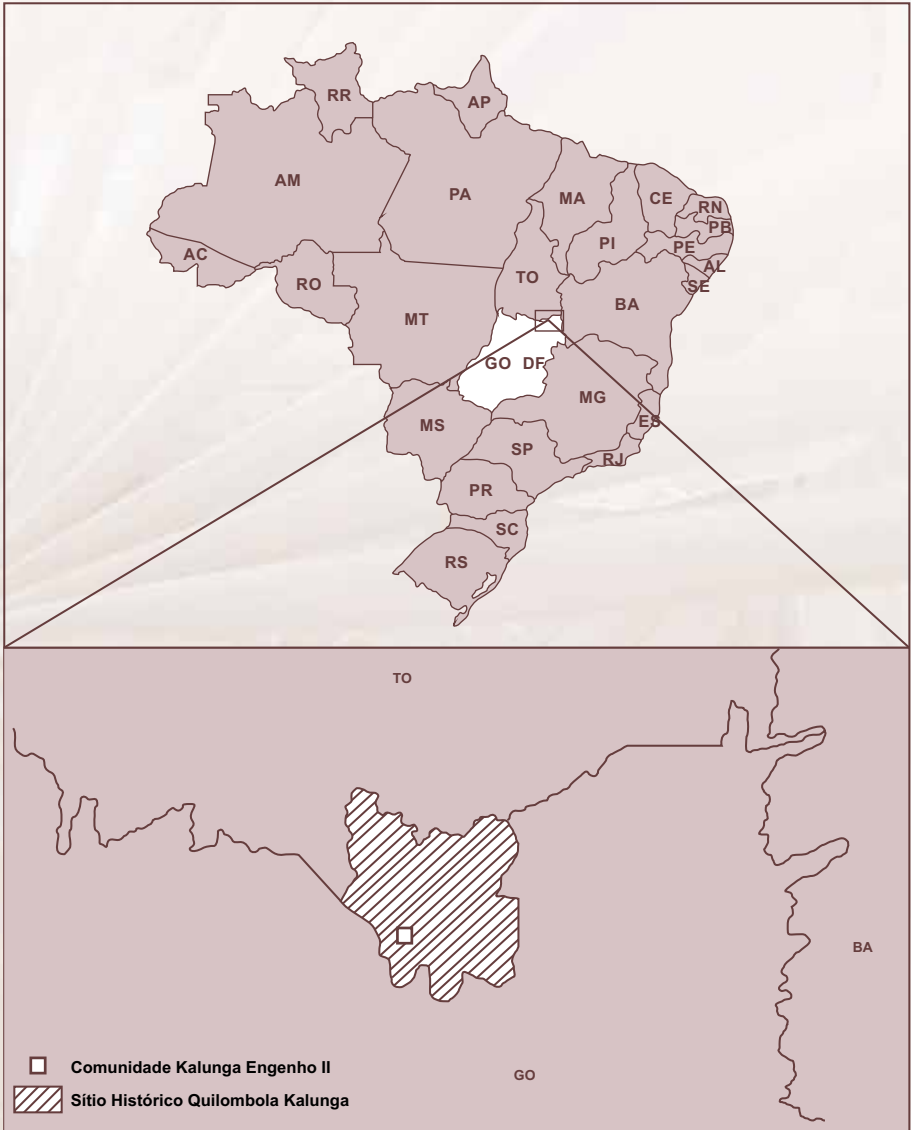
Fotografia de alguns moradores da comunidade Engenho II. A. Dona Clarinha; B. Dona Eleutéria; C. Damião; D. Dona Daniela† e Dona Joaquina; E. Natália e filha (Celinha); F. Jorge e Maria; G. Minelci e filhos; H. Joelice e João; I. Sr. Zé Preto e Dona Clarinha.

## Comunidade Kalunga Engenho II

A comunidade Engenho II localiza-se a 27 quilômetros da sede do município de Cavalcante,- Goiás. Os moradores praticam agricultura de subsistência e plantam milho, feijão, mandioca, arroz e abóbora, além da criação de bovinos, suínos e aves. O ecoturismo representa uma fonte de renda complementar para as famílias, especialmente pela presença de lindas cachoeiras, Santa Bárbara, Capivara e Candaru.



Vista geral da comunidade Kalunga Engenho II, Cavalcante-GO.



Ana Paula M. Gultias

Figura 1: Mapa do Brasil, do Estado de Goiás, do Sítio Histórico Quilombola Kalunga e da Comunidade Kalunga Engenho II, Cavalcante-GO ( $13^{\circ} 34' 57''$  S e  $47^{\circ} 28' 21''$  W - Centro de Atendimento ao Turista).



## Pesquisa etnobotânica

Etnobotânica é a parte da biologia que estuda o conhecimento das pessoas sobre as plantas. Desde a antiguidade as plantas são fundamentais para a sobrevivência do ser humano, pois fornecem alimento, remédio e abrigo. Neste estudo foram estudadas as palmeiras, que pertencem a família Arecaceae (Palmae). As palmeiras são plantas que se apresentam de diversas formas e fornecem folhas, tronco, frutos e sementes que são usados de muitas formas.

Toda comunidade quilombola é considerada comunidade tradicional e qualquer estudo que se propõe a registrar o conhecimento destes povos precisa ser devidamente autorizado. O primeiro passo é informar a comunidade sobre a intenção do estudo e preparar um documento chamado anuência prévia, que precisa ser assinado pelos membros da comunidade ou por seus representantes legais. Esta anuência prova que a comunidade está de acordo com a pesquisa e é um documento fundamental para a obtenção da autorização de acesso ao conhecimento tradicional associado, junto ao Conselho de Gestão do Patrimônio Genético (CGEN) ou ao Instituto do Patrimônio Histórico e Nacional (IPHAN). Este projeto possui a Aautorização número nº 48/2009, publicada em no Diário Oficial da União, em 16 de abril de 2010, Ddeliberação nº 250 do CGEN.

Todas as espécies de palmeira da região foram coletadas para a correta identificação. O material foi depositado no Herbário da Universidade de Brasília. Para as entrevistas, foi montado um álbum com as fotografias das 16 espécies de palmeiras encontradas na região. Fotos das espécies foram coladas em papel cartão (A4) e plastificadas. Com estas imagens, foi possível avaliar o conhecimento e o uso das palmeiras entre os moradores da comunidade Engenho II.



Licuri-rasteiro-da-mata no Herbário da Universidade de Brasília (DF).



Expedições de coleta. A. Damião e Mariana na região do Bom Jesus; B. João e Joelice a caminho da região chamada "Palmeira".

Todas as residências da comunidade Engenho II foram visitadas. A pesquisa teve duração de dois anos e foi finalizada em 2012. No total, foram realizadas 88 entrevistas individuais, sendo 56 com mulheres e 32 com homens, entre 18 e 82 anos de idade. Para realizar a entrevista foi contado, preferencialmente, o morador mais velho da casa presente no momento da visita.

As 16 folhas plastificadas foram entregues uma a uma e foram feitas as seguintes perguntas ao entrevistado:

*Você conhece esta planta?*

*Sabe o nome dela?*

*Já usou?*

*Como usou?*

Depois desta etapa, as pranchas foram todas expostas ao mesmo tempo e o entrevistado foi convidado a escolher as palmeiras de que mais gostava. Desta forma, foi possível saber a ordem de importância das palmeiras para os entrevistados da comunidade Engenho II.



Entrevistas na Comunidade Engenho II. A. casa do Sr. Sirilo; B. casa da Lourença.

## Palmeiras nativas da região

Dezesseis espécies de palmeiras foram reconhecidas na região da comunidade Kalunga Engenho II, as quais pertencem a nove gêneros botânicos. Para designar as 16 espécies registradas, os entrevistados citaram cerca de 51 nomes locais. Todas as palmeiras deste estudo são nativas da região do Cerrado. Gariroba-verdadeira (*Syagrus oleracea*) foi citada como cultivada por um entrevistado e o Coco-palmeira (*Attalea speciosa*) é a única espécie onde o palmeiral se localiza distante do Engenho II.

A lista abaixo registra os nomes das palmeiras mais citados entre os Kalungas, seguido do nome científico em itálico.

**Buriti** — *Mauritia flexuosa* L.f.

**Buritirana** — *Mauritiella armata* (Mart.) Burret

**Cabeçudo** — *Butia purpurascens* (Mart.) Becc.

**Catolezinho** — *Syagrus rupicola* Noblick & Lorenzi

**Coco-palmeira** — *Attalea speciosa* Mart. ex Spreng.

**Gariroba-católé** — *Syagrus comosa* (Mart.) Mart.

**Gariroba-verdadeira** — *Syagrus oleracea* (Mart.) Becc.

**Indaiá** — *Attalea brasiliensis* Glassman

**Jarobá** — *Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman

**Licuri-rasteiro-da-mata** — *Allagoptera leucocalyx* (Drude) Kuntze

**Licurizinho-do-cerrado** — *Allagoptera campestris* (Mart.) Kuntze

**Licuri-da-serra** — *Syagrus deflexa* Noblick & Lorenzi

**Macaúba** — *Acrocomia aculeata* (Jacq.) Lodd. ex Mart.

**Palmito** — *Euterpe edulis* Mart.

**Palmito-mirim** — *Geonoma pohliana* subsp. *weddelliana* (H. Wendl.) A.J. Hend.

**Pindoba** — *Attalea eichleri* (Drude) A.J.Hend.

## Como reconhecer e identificar

As estruturas e as partes úteis das palmeiras geralmente recebem nomes comuns. O povo Kalunga utiliza uma nomenclatura própria para chamar essas partes. A seguir, apresenta-se uma tabela com os termos mais comuns usados pelos Kalungas e o nome científico utilizado na Botânica.

### Nomes kalungas e científicos das partes de uma palmeira

Nome kalunga	Nome científico
Baje ou caroço	Semente
Braço	Peciolo
Cacho de flores	Inflorescência
Cacho de frutos	Infrutescência
Camborona, capemba	Bráctea peduncular
Capemba	Bainha (do Buriti - <i>Mauritia flexuosa</i> L.f.)
Coco, coquinho	Fruto
Folha arredondada	Folha costapalmada
Folha comprida	Folha pinada
Gairoba, cabeça	Palmito (meristema apical)
Gomo, gome	Distância entre uma pina e outra
Massa	Mesocarpo (polpa)
Miolo do tronco	Medula
Osso	Endocarpo
Palha	Folha
Planta alta	Estipe aéreo
Planta rasteira	Estipe subterrâneo
Tala	Epiderme do peciolo
Tira da palha	Pina
Seda da palha	Epiderme da folha jovem
Touceira	Touceira, cespitosa ou em grupo
Tronco	Estipe
Tronco único	Estipe solitária



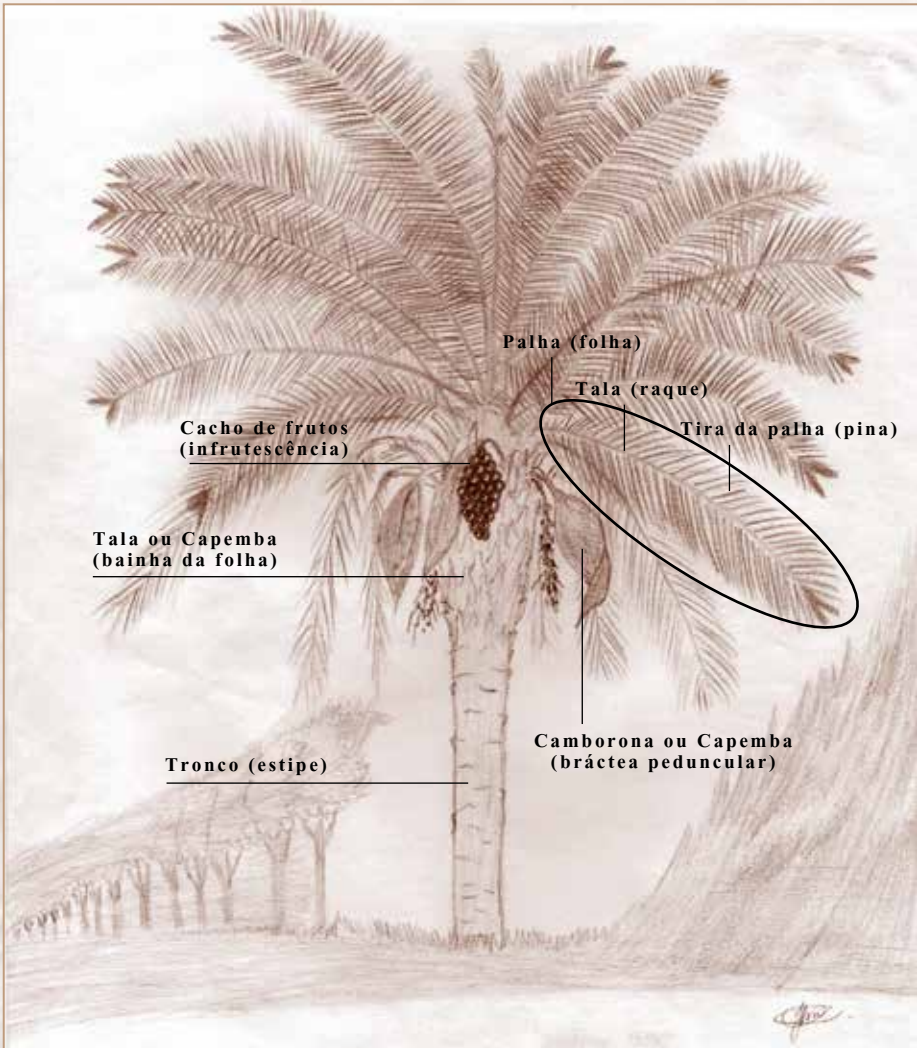


Figura 2. Partes de uma palmeira, nomes usados pelos kalungas e nomes científicos entre parênteses.

## Chave de Identificação

Uma das formas que a pesquisa com plantas utiliza para saber o nome de uma espécie é usando uma chave de identificação. Numa chave de identificação, as dicas são dadas a partir de duas escolhas e depois de escolher uma destas, deve-se seguir para o próximo par de dicas. Segue-se lendo as opções e escolhendo uma, até chegar ao nome da espécie.

Esta chave foi elaborada em parceria com os kalungas mais conhecedores de palmeiras.

1. Folha arredondada (em forma de leque, costapalmada).....2
1. Folha comprida (pinada).....3
2. Palmeira com tronco único (estipe), sem espinhos.....**Buriti**
2. Palmeira entouceirada (com muitos troncos), com espinhos.....**Buritirana**
3. Planta rasteira com folhas que saem direto do chão.....4
3. Planta alta com folhas que saem do tronco (estipe).....7
4. Planta rasteira bem baixa (com até 1m de altura).....5
4. Planta rasteira alta (com mais de 1m de altura).....6
5. Encontrada nos cerrados da chapada, cresce em touceira, palha fachuda (pinas congestionadas) .....  
.....**Licurizinho-do-cerrado**
5. Encontrada na serra, não cresce em touceira, palha mais rala (pinas laxas) .....**Catolezinho**
6. Planta entouceirada que cresce nas bordas das matas, cocos verde-amarelados, com polpa  
suculenta e doce.....**Licuri-rasteiro-da-mata**
6. Planta que não é entouceirada, cresce no cerrado, cocos marrons e secos.....**Pindoba**
7. Planta com espinhos no tronco e nas folhas.....**Macaúba**
7. Planta sem espinhos.....8
8. Planta com vários troncos (em touceira).....9
8. Planta com tronco único.....10
9. Planta com tronco coberto por capembas (bainhas foliares).....**Licuri-da-serra**
9. Planta com tronco sem capembas.....**Palmito-mirim**
10. Planta com cocos pequenos e redondos (até 1cm comprimento) de cor roxa.....**Palmito**
10. Planta com cocos maiores (maiores que 2cm comprimento) de cor variada (marrom, verde,  
amarelo, alaranjado e avermelhado).....11
11. Cocos marrons e secos.....12
11. Cocos verdes a amarelados.....13

12. Cocos com bicos longos, palha bem junta (com pinas congestionadas), ocorre na região do Vão de Almas.....**Coco-palmeira**
12. Cocos com bicos curtos, palha raleada (pinas laxas), ocorre na região do Engenho II.....**Indaiá**
13. Coco arroxeadado, gairoba (palmito) em forma de cabeça (palmito coberto pelas bainhas das folhas).....**Cabeçudo**
13. Coco verde a amarelado, gairoba (palmito) reto..... 14
14. Coco jovem esbranquiçado, ocorre nas matas.....**Gariroba-verdadeira**
14. Coco jovem verde, ocorre no cerrado.....**Gariroba-católé**



Buriti



## Como as palmeiras são usadas

### Alimento

As palmeiras são fornecedoras de diferentes fontes de alimento para as comunidades rurais. Todas as espécies de palmeiras da região fornecem algum tipo de alimento para os Kalungas. Na comunidade Engenho II, muitas vezes aparecem citadas como “alimento de emergência”, em referência ao consumo dos cocos e sementes durante os períodos de plantio e nos longos trechos de caminhada entre as áreas de lavoura e a moradia.

Alguns usos alimentares são citados entre os mais velhos, como “uso de outra era”, com referência aos tempos em que a comida era pouca e as palmeiras forneciam recursos alternativos para enganar a fome. Os frutos de todas as espécies são utilizados para alimentação. Das sementes de algumas espécies, os Kalungas extraem óleo após a fervura ou produzem “leite” quando estão frescas. O palmito de 13 espécies faz parte, ocasionalmente, da dieta local, entretanto com a preferência pelos palmitos amargos.



A. Preparo do palmito; B. Tirando a baje (semente) do Licuri-da-serra.



## Artesanato

As 16 espécies de palmeiras da região foram citadas como úteis para o artesanato. As folhas são muito importantes nessa categoria de uso e podem ser usadas de forma direta (como vassoura) ou como matéria prima para a fabricação de outros objetos (sofã, estante, peneira, tapiti, quibano e vassoura).

O buriti foi a palmeira que apresentou o maior número de partes para o artesanato. Quase todas as casas possuem utensílios fabricados com a tala do braço do buriti (epiderme do pecíolo), retirada das folhas caídas e sem qualquer prejuízo à planta. O uso da seda extraída das folhas jovens do buriti para fazer corda ou linha, também foi citado.

Entre os utensílios domésticos fabricados com as talas do buriti estão os tapitis, usados para espremer a mandioca ralada; o quibano é um tipo de peneira que não apresenta espaço entre as talas e é usado para limpar o arroz; as peneiras são trançadas como o quibano, porém com espaços entre as talas.

A vassoura fabricada pelos Kalungas é feita com as folhas do coco-cabeçudo ou de buriti.



A. Sr. Cirilo preparando as talas (epiderme do pecíolo) para tecer o tapiti; B. Tecendo o tapiti.



Tapiti.



Sr. Jorge com o quibano.



Júnior na oficina de móveis  
de braço (peciolo) de buriti.





Sr. Benedito com o quibano no lado esquerdo  
e tapitis no lado direito.



## Construção

Onze tipos de palmeiras são utilizados para a construção. O buriti e o indaiá estão entre os mais citados nessa categoria, seguidos da pindoba, do palmito, do coco-palmeira e da buritirana. As folhas do buriti e do indaiá são utilizadas, ao mesmo tempo, para a cobertura de casas. A coleta das folhas acontece na lua minguante, nunca na lua nova. Segundo a tradição local, para que as folhas se mantenham sem infestações de insetos e mofo, essa é a melhor época de coleta.



Casa de adobe com cobertura de palha de indaiá e buriti.

## Medicinal

O uso medicinal foi citado para oito espécies de palmeiras. As partes citadas foram o tronco, as folhas, a raiz e o palmito. A principal indicação terapêutica das palmeiras foi para o tratamento de doenças respiratórias, tais como gripes e pneumonias. Em segundo lugar, aparece o uso contra picadas de cobra. Duas espécies são usadas para este tratamento, o buriti e a macaúba. O uso para dor de dente foi citado para duas espécies, a macaúba e o indaiá.



Sra. Ilma com o óleo de macaúba.



Sra. Maria dos Reis com o óleo de buriti.

## Outros usos

Quatro espécies foram citadas para usos em cerimônias. O palmito, o palmito-mirim e o buriti foram citados como decorativos da “lapinha”, que é um arco de folhas colocado em frente a igreja para o encerramento das festas religiosas da comunidade. Do braço (peciolo) do buriti se faz o cruzeiro, também usado na decoração das casas que arrematam (encerram) as folias.

As folhas queimadas do cabeçudo foram citadas como defumadoras por um entrevistado.

O uso do miolo (medula) e do tronco (estipe) do buriti em decomposição foi citado como adubo.

As folhas do cabeçudo, licuri-da-serra e garioba-verdadeira são utilizadas para acender fogo e os cocos secos do indaiá como carvão.

Três espécies de palmeiras foram citadas como tóxicas (venenosas). O consumo da polpa e das sementes do licuri-rasteiro-da-mata, do cabeçudo e do licuri-da-serra foram contra-indicados por causarem dor de barriga. A polpa do licuri-da-serra também é contra-indicada para pessoas com doenças respiratórias.



A. Arco da Lapinha da Folia de Santos Antônio em frente a igreja; B. Cruzeiro da folia de Santos Reis.



## Ordem de importância das palmeiras para os kalungas da comunidade Engenho II

**1º Buriti**

**2º Indaiá**

**3º Macaúba**

**4º Cabeçudo**

**5º Pindoba**

**6º Gariroba-católé**

**7º Palmito**

**8º Coco-palmeira**

**9º Gariroba-verdadeira**

**10º Licuri-rasteiro-da-mata**

**11º Licuri-da-serra**

**12º Buritirana**

**13º Catolezinho**

**14º Jarobá**

**15º Licurizinho-do-cerrado**

**16º Palmito-mirim.**

“O que é que tem pé, mas não anda,  
tem braço mas não abraça,  
tem olho mas não vê? É o pé de Buriti”

*Cirilo dos Santos Rosa*

## Descrição e etnobotânica

### Buriti

*Mauritia flexuosa* L.f.

Palmeira de grande porte, com até 13m de altura. As folhas têm forma de leque e medem até 3,5m de comprimento. Os cocos são cobertos por escamas e a polpa alaranjada é muito rica em vitamina A; apresentam apenas uma semente. Os buritis vivem nas veredas e matas, e indicam a presença de água na superfície do solo.

**Alimento:** a polpa dos frutos é usada como alimento, de forma natural ou para fazer sucos, doces e bolachas (biscoitos). Uma forma muito citada entre os kalungas para o uso da polpa foi a sambereba, mistura de polpa de buriti, farinha de mandioca e açúcar. As escamas do coco são usadas como ração para galinhas e porcos. Do tronco se extrai um tipo de vinho, após a abertura de um buraco pequeno; alguns entrevistados disseram: “se tomar muito desse vinho dá moleza”. Das sementes tostadas se faz café.

**Artesanato:** as folhas são usadas para fazer vassouras; das folhas jovens (“olho”) são retiradas as fibras, utilizadas na fabricação de artesanatos e cordas. O “braço” da folha (peciolo) é usado para a fabricação de estantes, sofás, bancos, gaiolas, brinquedos, instrumentos musicais, maletas e caixões; do braço também são retiradas as talas (epiderme) para a fabricação de utensílios domésticos, muito comuns nas residências, tais como o tapiti, o quibano e a peneira. A bainha da folha é usada para recolher ciscos (como pá de lixo), como ninho para galinhas e como aparador do sabão de coada durante o seu preparo. As folhas também são usadas como colchão e delas também se faz um tipo de bolsa, chamada uru, confeccionada para carregar os alimentos da roça até a residência.

**Construção:** as folhas são muito usadas para cobrir telhados (“rebuçar”) e revestir paredes de casas, ranchos e galinheiros. O tronco velho é usado para fazer bica d’água.

**Medicinal/cosmético:** o sumo do peciolo (braço) e o óleo da polpa são usados contra picada de cobra. O óleo também é usado no tratamento de doenças respiratórias (asma, gripe, tosse, dor de garganta e pneumonia), como “desentupidor” de veias do coração e para o tratamento de cabelos secos. O café das sementes é oferecido para mulheres em trabalho de parto. O banho do chá da raiz é usado para reumatismo e doenças da coluna vertebral.

**Adubo:** o “miolo” (medula) do tronco é usado como adubo e fertilizante.

**Ritual:** suas folhas são usadas para decorar a lapinha (arco preparado e colocado em frente a igreja nas decorações das festas religiosas, onde os foliões passam por baixo e comem os biscoitos pendurados; ver figura na página 27).





Buriti. A. copa; B. frutos.



## Buritirana

buriti-mirim, pati

*Mauritiella armata* (Mart.) Burret

Palmeira com muitos troncos (estipes) cobertos de espinhos, com até 12m de altura. As folhas têm forma de leque e medem até 1,5m de comprimento. Os coquinhos são cobertos por escamas e sua polpa é doce e esbranquiçada. Vive e forma moitas nas veredas e matas, sempre próxima a locais úmidos.

**Alimento:** a polpa do fruto é consumida ao natural ou na forma de suco. O palmito é doce e consumido de forma natural, sem cozimento.

**Artesanato:** do tronco se faz ripas, utilizadas na fabricação de camas, bancos, prateleiras e tear. A folha inteira é usada como vassoura e da parte interna do braço (peciolo) são fabricadas rolhas.

**Construção:** as ripas fabricadas com o tronco são utilizadas para a construção de telhados. Devido a maior conscientização ambiental entre os moradores da comunidade, este uso foi citado como “uso de antigamente”. As folhas são usadas para o “enchimento” (para vedar os espaços abertos entre as folhas de buriti) de paredes de casas e ranchos.

**Medicinal:** o miolo do tronco é usado para tratar queimaduras. O chá da raiz é usado para reumatismo e “doenças do mundo” (sexualmente transmissíveis).

**Toxicidade:** um entrevistado relatou que o consumo exagerado do suco pode ser tóxico e causar “suadeira” (sudorese).



Buritirana



Buritirana. A. estipe (tronco); B. folha.





Figura 3. Ilustração da Buritirana, por João Francisco Maia, morador da comunidade Engenho II.





## Cabeçudo

*Butia purpurascens* (Mart.) Becc.

Planta com tronco (estipe) curto a médio, medindo até 2m altura, geralmente coberto pelas bases (bainhas) velhas das folhas. As folhas são acinzentadas, curvas e resistentes e medem até 90cm de comprimento. Os coquinhos podem ser amarelos, alaranjados ou roxos e a polpa pode ser doce ou muito ácida; possui uma semente. Cresce em áreas planas de Cerrado.

**Alimento:** a polpa do fruto é consumida diretamente ou utilizada para a fabricação de sucos e licores. O fruto é utilizado como aromatizante de cachaças. O palmito é doce, consumido cru ou em preparações culinárias, porém pouco utilizado. O cacho de flor, ainda dentro da “camboro-na” (bráctea peduncular) fechada foi citado como alimento, especialmente em épocas de pouca comida.

**Artesanato:** das folhas são confeccionadas vassouras e chapéus. A inflorescência velha também é usada como vassoura. Além do uso local, a extração das folhas por extrativistas não kalungas tem sido intensa na região. Estas coletas estão causando impacto negativo nas populações naturais.

**Medicinal:** o suco da polpa do fruto é chamado de vinagre e é utilizado como cicatrizante para machucados.

**Biocombustível:** as folhas secas são utilizadas para acender fogo.

**Ritual:** a folha queimada foi citada por um entrevistado como defumadora para uso medicinal.



Cabeçudo.



Cabeçudo. A. planta inteira; B. coquinhos.





Figura 4. Ilustração do Cabeçudo, por João Francisco Maia, morador da comunidade Engenho II.





A caminho da região do coco-palmeira.

## Catolezinho

catolé-da-serra, catolé-rasteiro, licuri-de-raposa, coquinho-da-serra

*Syagrus rupicola* Noblick & Lorenzi

Palmeira com até 1m de altura, sem tronco (estipe) ou, quando presente, muito curto e coberto pelas bases das folhas velhas. Folhas com até 1,5m de comprimento. Coquinhos de cor marrom e secos, com uma semente. Cresce nos morros, entre as rochas.

**Alimento:** as sementes são consumidas ao natural, sendo este o principal uso desta palmeira; as vezes são usadas na fabricação de paçoca com rapadura. Esta pequena palmeira foi citada como “alimento de emergência” por alguns entrevistados, que consomem as sementes durante longas caminhadas.

**Artesanato:** a pequena “camborona” (bráctea peduncular) pode ser utilizada como colher.



Fruto e semente do Catolezinho.





Catolezinho. A. planta no campo; B. coquinhos maduros; C. folha.



## Coco-palmeira

palmeira, babaçu

*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng.

Palmeira muito esbelta, com até 16m de altura. Folhas robustas e grandes com até 9m de comprimento. Cocos secos e castanhos, com duas a seis sementes. Cresce formando grande população em áreas próximas aos rios e às matas de galeria.

**Alimento:** a polpa do fruto é utilizada na fabricação de farinha, usada para fazer mingau e beiju. As sementes são consumidas ao natural ou utilizadas para a extração de óleo usado na culinária; também podem ser moídas para fazer paçoca ou são misturadas com água para a produção de leite. O palmito é doce e consumido, ocasionalmente, em preparações culinárias.

**Artesanato:** a camborona (bráctea peduncular) pode ser usada como prato. As folhas são usadas como colchão. O “osso” (endocarpo) do coco é usado no artesanato.

**Construção:** as talas das palhas (raques das folhas) são usadas na construção de casas rústicas.



Sementes do Coco-palmeira.



Coco-palmeira. A. planta inteira; B. cocos inteiros.





Figura 5. Ilustração do Coco-palmeira, por João Francisco Maia, morador da comunidade Engenho II.





Calfinheiro coberto com folhas de Buriti.

## Gariroba-católé

gairoba, gairoba-do-campo, gairoba-da-serra, gairoba-católé, coco-católé, gairobinha, gairobinha-do-cerrado, gueiroba

*Syagrus comosa* (Mart.) Mart.

Planta com até 4m de altura. O tronco é coberto pelas bases das folhas velhas. As folhas medem até 2m de comprimento. O coco é verde amarelado e tem uma semente. Cresce nos morros e também em áreas planas do cerrado.

**Alimento:** o palmito amargo é consumido cru em saladas ou cozido. A polpa é usada para fazer sucos e as sementes são consumidas ao natural. O uso do palmito desta espécie tem ocasionado a diminuição das populações naturais na região.

**Artesanato:** a camborona (bráctea peduncular) é usada como prato. O “osso” (endocarpo) é usado na fabricação de pequenos artesanatos.

**Construção:** as folhas são usadas em pequenas construções (galinheiros).

**Medicinal:** o palmito é usado para tratar dor de barriga e outros problemas digestivos.



Gariroba-católé com cachos. Foto: Henrique Moreira.





Gariroba-católé. Cachos com frutos verdes. Foto: Henrique Moreira.



## Garioba-verdadeira

guariroba, guariroba-verdadeira, gueiroba

*Syagrus oleracea* (Mart.) Becc

Palmeira alta, com até 11m de altura. Folhas com até 3,5m de comprimento. Coco verde-amarelado, com uma semente. Cresce nas beiras das matas de galeria e é muito adaptada a ambientes alterados pelo homem.

**Alimento:** o palmito amargo é ocasionalmente utilizado na culinária local, pois é uma espécie rara na região.

**Tóxica:** contra-indicado para pessoas com febre, pois é considerada alimento frio.



Garioba-verdadeira com cacho de fruto.



Gariroba-verdadeira. A. planta inteira; B. cacho de frutos.





Figura 6. Ilustração da Garioba-verdadeira, por João Francisco Maia, morador da comunidade Engenho II.





Jorge e a folha do palmito.

## Indaiá

daiá, babaçu

*Attalea brasiliensis* Glassman

Planta com até 7m de altura. As folhas são grandes e medem até 6m de comprimento. Coco castanho, com uma a três sementes. Forma agrupamentos em áreas próximas aos rios e riachos, associadas ou não a matas de galeria.

**Alimento:** o palmito doce é consumido cru ou cozido. A polpa pode ser usada para fazer paçoca ou mingau. As sementes são usadas de várias formas, são consumidas ao natural, moídas para fazer paçoca, bolachas e leite de coco. Das sementes também se extrai óleo, consumido em preparações culinárias.

**Artesanato:** as folhas verdes são usadas como colchão e na fabricação de um utensílio chamado “jiqui”, que é um tipo de recipiente confeccionado e utilizado para guardar os produtos da roça: algodão, banana, etc. Estas folhas são consideradas resistentes e excelentes para conservar alimentos. A camborona (bráctea peduncular) é usada como luminária e os cachos velhos dos frutos para decoração. A bainha é usada para pegar ciscos (como pá de lixo). O endocarpo (“osso”) é usado para fazer brincos e outros objetos de decoração.

**Construção:** o tronco é usado na construção de cercas. As folhas são usadas para cobrir (rebuçar) telhados e fazer paredes de casas, ranchos e galinheiros.

**Medicinal:** a polpa fibrosa do coco (mesocarpo) e o “osso” (endocarpo), quando tostados no fogo, liberam um óleo que é utilizado no tratamento de dor de dente.

**Biocombustível:** o fruto seco é usado como carvão.



Casa com cobertura de folha de indaiá.





Indaiá. A. planta inteira; B. coco partido ao meio. Foto A: Carlos Silva



## Jarobá

*Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman

Palmeira com até 17m de altura e tronco (estipe) liso. Folhas com até 5m de comprimento. Coco verde a amarelo-alaranjado, com uma semente. Cresce nas matas de galeria.

**Alimento:** o palmito não é amargo e foi citado por poucos entrevistados como alimento. A polpa do fruto e as sementes são consumidas ao natural.

**Artesanato:** o cacho de flores é usado para decoração.



Jarobá.




Jarobá. Cacho com frutos maduros. Foto: Manoel Cláudio





Figura 7. Ilustração do Jarobá, por João Francisco Maia, morador da comunidade Engenho II.



A photograph of a traditional Kalunga kitchen. A large, silver metal pot sits on a raised, earthen hearth. To the right, a large, curved piece of wood, likely a branch, is used as a support or part of the hearth structure. In the foreground, a small metal bowl containing red chili peppers sits on a woven mat. The background features a window with a wooden frame, through which palm fronds are visible, suggesting a tropical setting. The walls are made of rough, textured earth or mud.

**As palmeiras embelezam nossa flora,  
da alimento humano  
e para a fauna.  
Serve de agasalho para as casas.**

Jorge Moreira de Oliveira

Cozinha kalunga com cobertura de folha de indaiá.

## Licuri-rasteiro-da-mata

coco-licuri, coco-nicuri, licurizinho

*Allagoptera leucocalyx* (Drude) Kuntze

Plantas com caules subterrâneos, em touceiras com até 2m de altura. As folhas saem direto do solo e medem até 2m de comprimento. Coco verde-amarelado, com polpa doce e uma semente. Cresce nas bordas das matas de galeria.

**Alimento:** a polpa do coco é consumida ao natural ou usada para fazer suco. As sementes também são consumidas ao natural ou socadas para fazer paçoca. Os coquinhos são citados como “alimento de entreter menino”.

**Artesanato:** as folhas são usadas como travesseiro.

**Construção:** as folhas são usadas para tampar os espaços vazios de paredes feitas com o buriti e o indaiá.

**Medicinal:** o sumo do palmito é usado para dor de ouvido.

**Tóxica:** a ingestão da polpa do coco é contra-indicada para pessoas gripadas. O palmito é tido como causador de dor de barriga.



Cachos de frutos do Licuri-rasteiro-da-mata.






Licuri-rasteiro-da-mata.





Figura 8. Ilustração do Jarobá, por João Francisco Maia, morador da comunidade Engenho II.



Arco da lapinha na folia  
de Santo António.



## Licurizinho-do-cerrado

licuri-rasteiro-do-campo, licurizinho, nicurizinho

*Allagoptera campestris* (Mart.) Kuntze

Palmeira em touceira, com até 1,5m de altura. As folhas saem direto do solo e medem até 1,3m de comprimento. Coquinhos pequenos verde-amarelados, com polpa doce e uma semente. Cresce nos campos e áreas abertas do cerrado.

**Alimento:** a polpa do coco e o palmito são consumidos ao natural. As sementes são comidas ao natural ou usadas para fazer paçoca. A inflorescência foi citada como “uso de antigamente”, em tempos com pouca oferta de alimento.

**Artesanato:** as folhas são usadas de forma decorativa.



Licurizinho-do-cerrado.





Licurizinho-do-cerrado. A. planta inteira; B. cacho de frutos e cambrona (bráctea peduncular); C. cacho de flores. Foto A: Henrique Moreira.

## Licuri-da-serra

coquinho-de-licuri, coquinho-da-serra, licurizinho-da-serra

*Syagrus deflexa* Noblick & Lorenzi

Palmeira com muitos troncos (estipe), em touceiras com até 4m de altura. Folhas com até 1,3m de comprimento. Coco verde-amarelado, com uma semente. Cresce nos morros entre rochas, especialmente na região da Chapada dos Veadeiros.

**Alimento:** o palmito, a polpa do coco e a semente são consumidos ao natural.

**Artesanato:** o “osso” (endocarpo) é usado no artesanato, na fabricação de pequenos objetos e enfeites.

**Construção:** as folhas são usadas em pequenas construções.

**Biocombustível:** as folhas são usadas para acender fogo.

**Tóxica:** a polpa do coco é tida como tóxica por alguns entrevistados da comunidade.



Cacho de frutos de Licuri-da-serra. Foto: Henrique Moreira





Touceira de Licuri-da-serra. Foto: Henrique Moreira





Figura 9. Ilustração do Licuri-da-serra, por João Francisco Maia, morador da comunidade Engenho II.





Região do coco-palmeira.

## Macaúba

xodó, coco-macaúba

*Acrocomia aculeata* (Jacq.) Lodd. ex Mart.

Palmeira muito espinhosa e alta, com até 20m de altura. Folhas com até 4m de comprimento. Coco amarelo-ocre, com polpa adocicada e uma semente. Cresce nas matas e nos cerrados e é muito adaptada a ambientes alterados pelo homem.

**Alimento:** o “miolo” (medula) do estipe é ralado e depois de seco e tostado é usado como farinha para beiju; também pode ser socado no pilão para a retirada do “leite”. O palmito é consumido refogado. O coco inteiro alimenta o gado. Com a casca do coco (epicarpo) torrada se faz café. A polpa do coco (mesocarpo) pode ser consumida ao natural ou utilizada para fazer doces, biscoitos e café; quando desidratada, assemelha-se a uva passas. As sementes são consumidas ao natural ou, quando moídas, fornecem farinha para biscoitos e sambereba (doce com rapadura), além de um tipo de leite. Das sementes também se obtém um óleo utilizado como tempero. O coco inteiro é consumido por animais de criação (gado, porco, galinha e cavalo).

**Artesanato:** a casca do coco (epicarpo) é usada na decoração de pequenos artesanatos.

**Medicinal:** os óleos da polpa do coco e das sementes são utilizados no tratamento de gripes, como expectorante e para dor de ouvido. O palmito cru ou cozido é usado contra picada de cobra.



Coco de macaúba.





Macaúba com cachos de frutos. Foto: Henrique Moreira.

## Palmito

palmito-do-brejo, açai

*Euterpe edulis* Mart

Palmeira comprida e fina, com até 16m de comprimento. Folhas com até 5m de comprimento. Apresenta muitos coquinhos pequenos com polpa roxa e uma semente. Cresce nas matas de galeria e está na lista de espécies ameaçadas de extinção.

**Alimento:** a polpa do coco é consumida ao natural ou para fazer sucos e dindin (sorvete em saquinhos). O palmito foi consumido antigamente em preparações culinárias, porém este não é o palmito preferido entre os entrevistados.

**Artesanato:** a camborona (bráctea peduncular) é usada para fazer luminária. As sementes são usadas para fazer colar. Do tronco (estipe) se faz ripas, utilizadas na fabricação de camas e bancos. Entretanto, os entrevistados deixaram esta prática em função da proibição de corte de plantas ameaçadas de extinção.

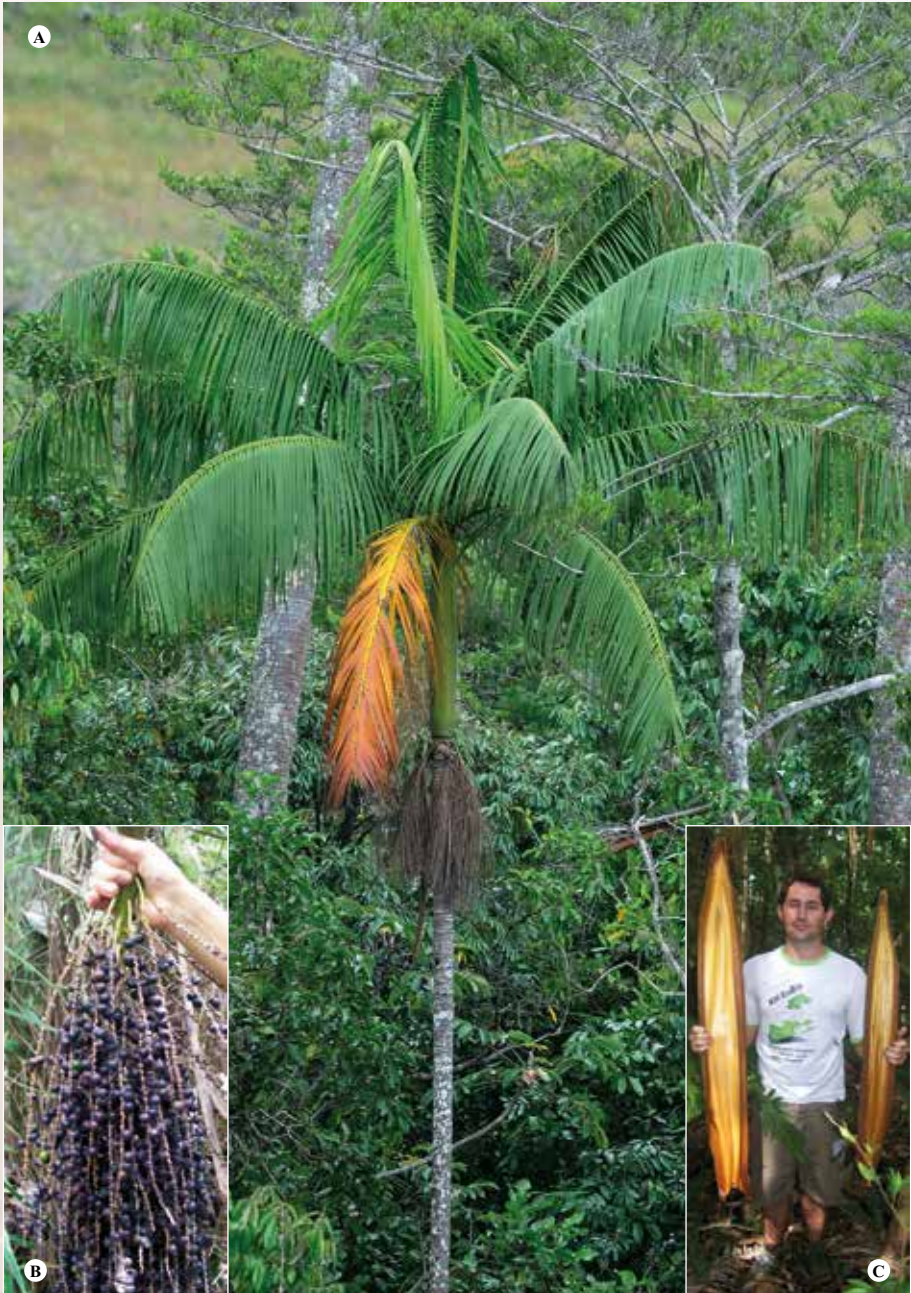
**Construção:** do estipe se faz ripas utilizadas na construção de telhados. Uso citado entre os entrevistados mais velhos e não mais praticado.

**Ritual:** a planta toda foi citada por alguns como decorativa do cruzeiro (arco decorativo construído durante as festas religiosas). Entretanto, devido às restrições legais e maior conscientização ambiental dentro da comunidade, o uso da planta tem sido substituído por folhas de buriti ou bananeira.



Cachos de frutos imaturos do palmito. Foto: Henrique Moreira.





Palmito. A. planta inteira; B. cacho de frutos maduros; C. camboronas (brácteas pedunculares). Foto A: Carlos Silva.



## Palmito-mirim

palmita

*Geonoma pohliana* subsp. *weddelliana*

Planta que cresce sozinha ou formando touceiras com até 5m de altura. As folhas medem até 1,5m de comprimento. Coquinhos pequenos, de cor escura e uma semente. Cresce nas matas de galeria e muitas vezes são confundidas com as plantas jovens do palmito (*Euterpe edulis*).

**Alimento:** a polpa dos coquinhos é consumida ao natural.

**Artesanato:** do tronco são feitas ripas, utilizadas na fabricação de camas e bancos. As sementes são usadas para fazer colar.

**Construção:** o tronco foi utilizado para a fabricação de ripas e construção de telhados; este uso foi citado entre os entrevistados mais velhos e não é mais praticado.

**Ritual:** a planta toda foi citada por alguns entrevistados como decorativa do cruzeiro (arco decorativo construído durante as festas religiosas). Entretanto, devido à maior conscientização ambiental dentro da comunidade, o uso da planta tem sido substituído por folhas de buriti ou bananeira.



Palmito-mirim.



Palmito-mirim. A. touceira; B. cacho com frutos verdes.



## Pindoba

palhinha, piaçaba, painha, coco-painha, candoba

*Attalea eichleri* (Drude) A.J.Hend.

Palmeira com até 3m de altura. As folhas saem direto do solo e podem medir até 2,5m de comprimento. Cocos castanhos e secos, com duas a sete sementes. Cresce em áreas de cerrado sobre solo arenoso.

**Alimento:** da polpa retira-se óleo e “leite” e são feitos mingau, beiju e biscoito. As sementes são consumidas ao natural ou são socadas em pilão para fazer leite de coco, bolos, paçoca e biscoitos. O óleo das sementes também é extraído e utilizado para cozinhar.

**Artesanato:** a camborona (bráctea peduncular) pode ser usada como colher.

**Construção:** as palhas (folhas) são usadas na construção de paredes e telhados de casas, ranchos e galinheiros. Alguns afirmam que as folhas da pindoba são as mais resistentes e duram mais tempo nas construções do que as folhas de indaiá e buriti.

**Medicinal:** o sumo da raque é usado para tratar queimaduras. A água encontrada dentro dos cocos foi citada para o tratamento de bolhas de sangue nos olhos. O óleo das sementes morno e com sal é usado como expectorante.



Pindoba. Cacho de frutos maduros.





Pindoba. Planta inteira.



Figura 10. Ilustração da Pindoba, por João Francisco Maia, morador da comunidade Engenho II.





Pindoba. Cacho de frutos.



## Resumo dos resultados publicados

(Martins 2012; Martins et al. 2012; 2014)

- ▶ Os entrevistados da comunidade Engenho II informaram 1.928 registros de uso para as 16 espécies de palmeiras que crescem na região. Os usos foram agrupados em 10 categorias: alimentícia/uso direto, alimentícia/culinária, alimentícia/ração animal, artesanato, construção, medicinal, biocombustível, tóxica, ritual e adubo.
- ▶ As categorias alimentícia, artesanato e construção foram as que apresentaram o maior número de citações, demonstrando que o uso das palmeiras para o povo Kalunga não difere das categorias reconhecidas em outros estudos no Cerrado e na Amazônia.
- ▶ Todas as espécies de palmeiras da região foram citadas nas categorias alimentícia e artesanato, o que demonstra a importância dessas plantas para a sobrevivência dos Kalungas ao longo dos tempos. Alguns usos alimentares foram citados apenas entre os mais velhos, como por exemplo: “isso a gente fazia nos tempos que num tinha muito pra comer”.
- ▶ Considerando o sexo, a idade e a escolaridade dos entrevistados, não foram identificadas diferenças estatísticas na quantidade de plantas reconhecidas e usadas entre os entrevistados. Entretanto, constatou-se, que as mulheres conhecem mais usos diferentes do que os homens. Já os homens, estão mais de acordo entre eles quanto ao tipo de uso que fazem das palmeiras.
- ▶ A palmeira mais importante para os Kalungas do Engenho II é o buriti. A espécie foi reconhecida por todos os entrevistados. Em muitas residências foram observados utensílios domésticos, móveis e objetos fabricados com as folhas dessa palmeira.
- ▶ A fotografia foi um excelente modo para a avaliação do reconhecimento e uso das palmeiras pelo povo Kalunga da comunidade Engenho II. Algumas dificuldades foram observadas no reconhecimento das espécies entre os entrevistados mais velhos, especialmente por causa dos problemas de visão, comuns nesta fase da vida.
- ▶ Todas as palmeiras presentes na região da comunidade foram citadas como úteis pelos entrevistados. As espécies ocorrem em diferentes paisagens: cerrado rupestre, mata de galeria, campo limpo, campo sujo e vereda.
- ▶ Cocos, óleos, raízes e folhas foram citados como remédios. O uso medicinal dos óleos das polpas foi o mais citado entre os entrevistados, seguido do óleo da semente, do palmito e da raiz. A principal indicação terapêutica das palmeiras foi para o tratamento de doenças respiratórias, tais como gripes e pneumonias. Em segundo lugar, aparece o uso contra picadas de cobra. Em terceiro lugar está o uso para dor de dente (óleo do endocarpo da macaúba e do indaiá).
- ▶ As sementes das palmeiras são muito utilizadas. Os coquinhos das 16 espécies foram apontados

como úteis e representam uma importante fonte de vitaminas e proteínas para a população local. Muitas espécies fornecem sementes que são consumidas in natura, tais como: macaúba, licurizinho-do-cerrado, licuri-rasteiro-da-mata, licuri-da-serra e catolezinho.

► O uso de toda a folha foi bastante citado entre os entrevistados. As folhas de maior importância são as do cabeçudo, de buritirana, de indaiá e de buriti, que são utilizadas para construção, artesanato e confecção de utensílios domésticos.

► O uso do tronco (estipe) para a construção foi citado para nove espécies, entretanto, foi citado como uma prática de “antigamente”.

► O uso do palmito na alimentação foi citado para 14 espécies. Existe uma preferência pelo consumo dos palmitos amargos de gairoba-verdadeira e da gairoba-católé. Espera-se que iniciativas para o plantio das palmeiras preferidas sejam implementadas na comunidade.

► Iniciativas e projetos para o mapeamento das populações de palmeiras são recomendados. Além disso, mesmo com a crescente conscientização da população sobre os usos que causam a morte das palmeiras, considera-se urgente a necessidade de plantios de Gariroba-católé e Cabeçudo, além de estudos de manejo sustentável destas espécies.



João e Joelice na região do coco palmeira.



## Literatura consultada

IUCN Standards and Petitions Subcommittee. Guidelines for Using the IUCN Red List Categories and Criteria. Version 9.0. Prepared by the Standards and Petitions Subcommittee. Disponível em: <http://www.iucnredlist.org/documents/RedListGuidelines.pdf> Acesso em 16.09.2014.

MARTINS, R.C.; FILGUEIRAS, T.S. & ALBUQUERQUE, U.P. Use and Diversity of Palm (Arecaceae) Resources in Central Western Brazil. The Scientific World Journal Volume 2014 (2014), Article ID 942043, 14 pages. <http://dx.doi.org/10.1155/2014/942043>

MARTINS, R.C.; FILGUEIRAS, T.S. & ALBUQUERQUE, U.P. Ethnobotany of *Mauritia flexuosa* (Arecaceae) in a Maroon Community in Central Brazil. Econ. Bot. 66(1), 2012, pp.91-98.

MARTINS, R.C. 2012. A família Arecaceae no Estado de Goiás: taxonomia e etnobotânica. Tese de doutorado- Universidade de Brasília/ Instituto de Biologia, Departamento de Botânica.



Folha do palmito-mirim.



Sr. Cirilo trançando o tapiti.





Paulinho, o primeiro amigo.



Januária e filhos.



Túlaci, Renata, Leidiane e primos.



Dona Eleutéria e o Sr. Eloi.





Dona Eleutéria.



Dona Getúlia.







Folia de Santo Antônio no galpão comunitário, comunidade Engenho II.





Ramon, Tiago, Caio e Paulo Henrique.



Leidiane e as sementes de macaúba.



## PÓS-ESCRITO

Tarciso S. Filgueiras

Pindorama era como os povos pré-cabralinos chamavam a região costeira onde hoje se situa o Brasil. Terra das palmeiras. De fato, o território original do Brasil era um mar de palmeiras. Ao longo de toda a costa, na Amazônia, no Cerrado, no Pantanal, palmeiras. Na transição entre a Amazônia e a Caatinga, mais palmeiras, a Mata dos Cocais. Palmeiras, palmeirais, cocais!

Seu porte elegante, altaneiro, suas folhas balouçantes sob a mais leve brisa, seus frutos que matam a fome em qualquer estação do ano. Tudo nesta planta serve ao homem e aos outros viventes: raízes, caules, folhas, frutos, sementes, óleo. Generosa ao extremo, a palmeira, quando não tem frutos para acudir o viajor, ela lhe dá seu próprio coração, o palmito! Mesmo que, para isso, ela tenha que morrer. Desprovida de seu coração, toda palmeira morre.

Esta cartilha mostra, sucintamente, como um povo sobrevivente da liberdade enfrentou as adversidades do isolamento e da ausência do Estado valendo-se de seus conhecimentos dos recursos naturais encontrados em suas terras, o território dos Kalunga. Palmeiras e Kalunga. Kalunga e palmeiras. Esta parceria histórica está simbolicamente representada nos desenhos do artista João Francisco Maia. Suas ilustrações mostram como um Kalunga enxerga uma palmeira nativa, assim totalmente inserida no seu contexto ecológico. Cada qual com sua personalidade, sua alma, sua beleza.

Quem nos mostra um pouco do valor, da sabedoria e da resistência heroica desse povo é uma jovem mulher que se interessou tanto pelas palmeiras que passou a estudá-las com afinco, aprofundou-se e se fez doutora no assunto. Nesta singela cartilha, ela reúne o que a botânica tem a dizer sobre as palmeiras e o como os Kalunga as usam no seu dia a dia. Da união destes dois saberes emerge uma síntese criativa que quer ser guia para que novos estudos, semelhantes a este, iluminem o povo Kalunga em busca do lugar que eles merecem: no coração da sociedade brasileira.





Realização:



**Rede de Sementes do Cerrado**

**Campus Universitário Darcy Ribeiro/Universidade de Brasília**

**- Gleba A - Ala Sul - Prédio Jeanine M. Felfili**

**CRAD - sala A1 - 53/13 - Caixa Postal 4461 CEP 70904-970**

**Asa Norte - Brasília, DF**

**Telefone: 61 3107-0098 - email: [contato@rsc.org.br](mailto:contato@rsc.org.br)**

**[semeando@rsc.org.br](mailto:semeando@rsc.org.br)**

**[www.rsc.org.br](http://www.rsc.org.br)**

**[www.semeandobiomacerrado.org.br](http://www.semeandobiomacerrado.org.br)**

Parceiro:



Associação Quilombo  
Kalunga

Patrocínio:

